



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SÍMBOLOS ENTRE DOIS MUNDOS: A FEMINIZAÇÃO DO ANIMAL DEVORADOR EM *ONCE UPON A TIME*

Patrícia Valéria Vieira da Costa

*Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba.
Patriciacosta_mcc@hotmail.com*

Resumo: O presente artigo visa interpretar, à luz do regime diurno da imagem proposto por Gilbert Durand, o episódio *A capa vermelha*, destinado ao conto Chapeuzinho Vermelho, do seriado americano *Once upon a time* (Era uma vez). Partindo das referências aos contos clássicos, pretendemos mostrar nesta adaptação cinematográfica como a personagem é recriada entre os dois mundos que compõem a série. Para isso, traçaremos a feminização da imagem do lobo, desde sua transformação na personagem (a chapeuzinho que se transforma no lobo mal) até sua nova releitura, partindo das mesmas características, mas agora reformulando-as em um corpo de mulher, que “devora” os homens pela sensualidade patente. Para tanto, utilizaremos a teoria do imaginário, em específico os símbolos correspondentes às *faces do tempo*, de Durand (1997), como forma de sublinhar a simbologia do lobo e sua semelhança à representação da mulher.

Palavras-chave: Imaginário, regime diurno, feminização, Once upon a time.

1 INTRODUÇÃO

O imaginário ocupa um lugar de representação. Por meio dele o homem tem a possibilidade de perceber o mundo, presentificar uma realidade. Como conclui Pitta (2005), o imaginário pode ser considerado como essência do espírito, posto que está arraigado à capacidade intrínseca do homem de criar, tornando-se assim a raiz de tudo que para o ser humano existe. Laplantine & Trindade (1997) em *O que é imaginário* afirmam que “O imaginário é construído e expresso através de símbolos” (Laplantine & Trindade, 1997, p.78.) Por meio dessa concepção, Gilbert Durand, discípulo de Bachelard e influenciado pela psicologia analítica de Jung, elabora, em seu principal livro, *As estruturas antropológicas do imaginário*, um percurso de construção cultural remanescente dos símbolos formulados por



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

meio do inconsciente humano. O autor coleta e une, por meio de constelações de imagens, os símbolos que por isomorfismo constituem os arquétipos do inconsciente coletivo.

Na base da organização das imagens, Gilbert Durand elenca uma divisão destas em dois regimes: o diurno, ligado ao universo dos opostos; e o noturno, que une estas oposições e as harmoniza. Como cita Pitta (2005, p. 22) “Esses dois regimes de imagem recobrem três estruturas do imaginário, que dão resposta à questão fundamental do homem: sua *mortalidade*. Morte e angústia existencial se expressam através das imagens relativas ao tempo”. O regime diurno foi considerado por Durand como o regime da antítese, posto que o mesmo dobra-se entre duas vertentes que são caracterizadas pelas faces do tempo, quando tratam dos símbolos de angústia diante do tempo; e pelo Cetro e o Gládio, que marcam a vitória sobre as trevas propagadas pela primeira vertente.

No presente trabalho, pretendemos fazer uso de uma *hermenêutica simbólica*, para utilizarmos o termo cedido por Turchi (2003), para interpretar, à luz do regime diurno da imagem proposta por Gilbert Durand, a personagem Chapeuzinho Vermelho do episódio *A capa vermelha*, que faz parte do seriado americano *Once upon a time*. Inspirado nos contos de fada clássicos, o seriado escolhido, escrito pelos autores Edward Kitsis e Adam Horowitz, propõe uma releitura das personagens tradicionais dos contos de fadas. Tendo como plano de fundo o mundo encantado, o seriado reconfigura as personagens e as histórias, insere elementos e constitui novas tensões para a trama. Quanto à recriação de determinado texto, Carvalhal coloca:

Toda repetição esta carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o re-inventa (CARVALHAL, 1986, p. 53).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nessa adaptação cinematográfica, temos o reflexo das histórias orais e dos clássicos escritos servindo como a base inicial para as reinvenções elaboradas no seriado. Resumidamente, a história dá-se, a princípio, por meio de um feitiço que a bruxa má evoca como vingança contra a Branca de Neve. O feitiço aprisiona todas as personagens dos contos de fadas no mundo real, numa cidade chamada *Storybrook*, espécie de prisão inconsciente para os cidadãos, que perdem a memória de sua vida anterior na floresta encantada e assumem novas identidades. Enquanto a quebra do feitiço desenrola-se durante os episódios, as recriações das histórias tradicionais das personagens são dadas em dois planos de ação simultânea. É exatamente entre esses dois mundos que pretendemos evidenciar as ressignificações entorno da personagem Chapeuzinho Vermelho, com o intuito de grifar as marcas simbólicas das imagens relativas às faces imaginárias do tempo, presentes na construção da mesma.

2 ENTRE DOIS MUNDOS: MARCAS DO REGIME DIURNO DA IMAGEM

No conto *Chapeuzinho Vermelho*, das obras consideradas clássicas, como as de Perrault e dos Irmãos Grimm, até releituras como as produções da Disney, e outras adaptações Hollywoodianas como o filme *A garota da capa vermelha*, podemos considerar a presença quase que unânime da figura do lobo. Recriado ou não como um animal violento, devorador, sua presença marca as tessituras dessas releituras em torno dos clássicos. Como coloca Durand (1997), em relação aos símbolos teriomórficos, as imagens de animais são comumente encontradas em diversas representações:

De todas as imagens, com efeito, são as imagens animais mais frequentes e comuns. Podemos dizer que nada nos é mais familiar, desde a infância, que as representações animais. Mesmo para o pequeno cidadão ocidental, o urso



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de pelúcia, o gato de botas, Mickey, Babar vêm estranhamente veicular a mensagem teriomórfica. (DURAND, 1997, p. 69)

Reportando-se ainda a Durand, o animal apresenta-se como objeto de assimilação simbólica. Ligado por isomorfismo à imagem do cavalo, que é tido como símbolo de angústia, de fuga diante do tempo e por muitas culturas como um símbolo de morte, temos agora a animalidade que assume o simbolismo da agressividade e da crueldade, reconfigurada na figura do lobo. Por meio dessa valorização negativa, a morte passa a ser assimilada por meio do esquema “mordicante”, forma de agressividade provinda do sadismo dentário. A boca torna-se arquétipo devorador. Como coloca Durand (1997, p. 85) “É assim uma goela terrível, sádica e devastadora que constituí a segunda epifania da animalidade.”

Daí, partem os diversos significados que a imagem do lobo formulam: no Ocidente, o animal temido desde a antiguidade; no século XX, o símbolo de pânico e ameaça para as literaturas infantis; para a tradição nórdica, ainda como coloca Durand, os lobos são devoradores de astros, símbolo da morte cósmica; No eddas, são lobos que devorarão o sol e a lua. Partindo dessas variantes, o seriado *Once upon a time* trata da figura do lobo por meio de uma ressignificação de sua figura. A imagem recriada no mundo “mágico” dará impulso para as novas recriações efetivadas no mundo “real”. Entre os dois mundos, como propõe o enredo da série, desenharemos a feminização da imagem do lobo, desde sua transformação na personagem (a chapeuzinho que se transforma no lobo mal) até sua nova releitura, partindo das mesmas características, mas agora formulando um lobo em corpo de mulher, que “devora” os homens pela sensualidade patente.

5 A FEMINIZAÇÃO DO ANIMAL DEVORADOR: DO MUNDO ENCANTADO AO MUNDO REAL

Como já explicitado, a série *Once upon a time* se realiza entre dois mundos, o mundo “encantado” e o mundo “real”. No episódio *A capa vermelha*, destinado a dramatizar a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

história Chapeuzinho Vermelho, nos deparamos com a inversão de papéis, que paulatinamente vão sendo revelados para mostrar a verdadeira identidade da personagem: não mais a menina que foge do bolo, mas sim ela própria o animal, que mata e aterroriza a floresta encantada.

A Chapeuzinho, no mundo mágico, utiliza a mesma capa de cor vermelha em um resgate às histórias tradicionais. A tonalidade em si já é sugestiva, uma vez que simboliza o noturno e o feminino, cor ligada à figura da mulher em decorrência de seus mênstruos. Esta semelhança entre a cor e o sangue já nos adverte para a valorização negativa da imagem do animal nefasto que está por vir, posto que a semelhança entre a cor e o sangue remete-nos a morte provinda de um ataque violento e da mastigação. No princípio, essa capa é eufemizada, e por enquanto tratada como um meio apenas de proteção contra o lobo e seu suposto ataque à personagem.

Em contrapartida, no mundo real, como consequência do esquecimento em detrimento do feitiço, a personagem Chapeuzinho passa agora a ser chamada de Ruby. O nome não deixa de também ser sugestivo, uma vez que retoma-nos a cor vermelha como uma característica inerente à personagem. A cor também está refletida em sua indumentária. A capa que antes a “protegia” passa a ser representada pelas roupas de Ruby, que assim como esta são vermelhas e seus cortes e tamanhos já sugerem também a sensualidade que essa personagem imputa no modo como se relaciona com os personagens do gênero masculino.

Outra marca simbólica está agora de fato na imagem do lobo. Voltando-se novamente ao mundo mágico, nos deparamos com a descoberta de Chapeuzinho sobre sua condição. Com o intento de matar o lobo, tornar-se heroína e, além disso, poder ser livre para viver com seu namorado Peter, a personagem sai em busca do mesmo por meio de suas pegadas:

(Chapeuzinho)- Essa pegada parece metade lobo e metade botas, tá vendo?

(Branca)- Lobos não usam botas...

(Chapeuzinho)- Não, eles não usam.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(Branca)- E depois continua como se fosse um homem.
(Chapeuzinho)- Como se fosse um homem e um lobo.
(Branca)- Chapeuzinho, que tipo de monstro é esse?
(*Once Upon a Time*, 2012, ep. 15).

A partir daí, uma primeira revelação é efetivada. O lobo nada mais é do que o resultado de uma metamorfose de homem em animal. As personagens então decidem seguir as pegadas que acabam por dar na janela da casa da vovó, que na noite anterior foi o espaço pelo qual Chapeuzinho recebeu a visita de Peter. Precipitando-se em concluir que o namorado é o lobo, e com o intento de salvá-lo, Chapeuzinho sugere que o Peter fique amarrado a uma árvore durante a noite, claro, com a sua presença acalentadora. A reviravolta dá-se exatamente com a chegada da Lua, que transforma chapeuzinho em loba fazendo-a devorar literalmente o namorado, ligando-se aqui diretamente à simbologia do animal nefasto que engole, por meio de uma boca dentada, a presa, representando a morte. Quanto à Lua, que é responsável pela transformação de mulher em loba, Durand (1997) coloca que ela “está indissolúvelmente ligada à feminilidade”, nessa cena ela nada mais é do que o aspecto que libera os instintos aprisionados da personagem, ela é o elo entre os aspectos humanos e sua animalidade. Vemos então diante de uma espécie de *lobisomem*, agora representado na figura da mulher.

Já no mundo “real”, o lobo e seu aspecto devorador passam a ser representados por meio da sensualidade que a personagem Ruby emite. Antes como um animal que devora pessoas, essa imagem é reconfigurada e feminizada para a figura da mulher que “devora” homens, num jogo libidinoso. Assemelhando-se a uma espécie de *femme fatale*, Ruby, que trabalha como garçonete na lanchonete da avó, usa de sua lascividade para envolver os clientes do sexo masculino. No entanto, essa postura é severamente criticada pela avó, como vemos:

(Chapeuzinho) – Não acredito que fez aquilo, foi humilhante
(Vovó) – Quero que comece a trabalhar nas noites de sábado.
(Chapeuzinho) – Temos um acordo para as noites de sábado [...] Isso é um castigo por falar com aquele cara?
(Vovó) – Se eu quisesse te castigar, teria motivos melhores.
(*Once Upon a Time*, 2012, ep. 15).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A imposição da avó parece querer reprimir os instintos intrínsecos da neta, que no fundo são as marcas de um isomorfismo com o lobo que um dia literalmente fora. Além disso, essa repressão representa a imagem criada coletivamente em relação ao instinto erótico da mulher, como grifa Ribeiro (2008, p. 107): “Algumas imagens arquetípicas do Feminino, especialmente as da *femme fatale*, envolvem a pureza do instinto erótico, mas formam uma poderosa arquitetura mítica contra a mulher, reproduzindo o fenômeno da abjuração dos seus valores naturais.”

Quanto à simbologia da Lua, mais uma vez nesse episódio, temos a presença contínua desta entre uma cena e outra em que Ruby aparece. Como assevera Cirlot (1984, p. 352)

O homem percebeu, bem cedo, a relação existente entre a lua e as marés; a conexão, mais estranha ainda entre o ciclo lunar e o ciclo fisiológico da mulher [...] A lua tornou-se assim “Senhor das mulheres” [...] Porém, acima de tudo, é o ser que não permanece sempre idêntico a si mesmo mas experimenta modificações “dolorosas” em forma de círculo clara e continuamente observável [...] que a etapa de invisibilidade da lua corresponde à da morte no homem.

A lua novamente parece estar ligada ao modo como a personagem age, a sua inconstância que parece se fundamentar em fases, posto que suas atitudes variam entre um ser mais “angelical”, que cuida da avó, etc., e sua postura digamos mais “animalesca”, tanto para sua relação com os homens, quanto nas suas qualidades físicas semelhantes às do animal literal, como o faro e audição aguçadas, percebidos numa cena em que Ruby auxilia a delegada a encontrar os vestígios de um suposto assassinato em meio a floresta:

(Ruby)- Eu nem deveria estar aqui, eu vou estragar tudo.

(Emma)- Aí, espera, Ruby.

(Ruby)- Eu ouço ele.

(Emma)- É mesmo?

(Ruby)- É mesmo. Ele ou... alguma coisa. Eu sei onde ele “tá”! Você não?



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(Emma)- [perplexa] Não, o que tá fazendo?
(Ruby)- Ele “tá” aqui!!! (...)
(*Once Upon a Time*, 2012, ep. 15).

Como uma mulher de muitas faces, Ruby é um misto de docilidade, ferocidade, sensualidade. Além disso, como vimos na reprodução acima, ela é uma pessoa que duvida de suas capacidades, até se deparar com algo que expõe seu potencial, que no caso da personagem nada mais é do que os resquícios de sua animalidade, os atributos de um lobo agora acrescidos na figura da mulher.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, podemos perceber a ligação que há entre os símbolos do regime diurno da imagem e a representação da personagem Chapeuzinho vermelho, no seriado *Once upon a time*. O nefasto, arquétipo ligado aos símbolos relativos às *faces do tempo* propostas por Gilbert Durand, foi evidenciado na relação isomórfica entre a mulher-lobo- mulher, reconfiguradas nos dois planos disponíveis na adaptação, o mundo fantástico e o real.

A cor vermelha, que ora está presente na capa da Chapeuzinho, ora faz parte da indumentária de Ruby, nos leva a considerar a relação existente entre esta e o sangue. Símbolo negativo que também está ligado a mulher, o sangue nos remete concluir que, como afirma Durand (1997, 99), é “a água feminina e nefasta por excelência”. Além disso, as cores que vestem Ruby no mundo real corroboram para o seu instinto erótico, e aqui utilizamos para evidenciar a referência a sua verdadeira personalidade (relativa ao mundo fantástico), uma espécie de *lobisomem*, agora recriado na forma de mulher.

Por fim, temos a Lua como outro símbolo que liga-se de maneira cíclica à mulher e que foi, durante a análise, grifada como uma marca presente nas constituições das cenas em que Chapeuzinho Vermelho/Ruby aparecem. De meiga a *femme fatale*, de heroína a inferiorizada, a personagem parece seguir fases, assim como a Lua. Mais que isso, este símbolo literalmente a transmuta, é a responsável, no mundo mágico por transformá-la de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulher em lobo, que devora, literalmente, o namorado, e no mundo real parece ser a influência que evidencia seus instintos, ao “devorar” homens, por meio de sua capacidade de envolver sensualmente.

REFERÊNCIAS

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986.

CIRLOT, Juan Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1984.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

KITSIS, E.; HOROWITZ, A. **Once upon a time**. [Seriado de TV]. Produção Jane Espenson, direção de Ron Underwood. American Broadcasting Company, 2012. 1ª temporada, ep. 15

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

RIBEIRO, Maria Goretti. O arquétipo da deusa na vida, na cultura e na arte literária. **Graphos**, João Pessoa, v. 10, p. 15-21. 2010.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

TURCHI, Maria Zaira. **Literatura e Antropologia do imaginário**. Brasília: Editora UNB, 2003.

TRINDADE, L.; LAPLANTINE, F. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.